

OMNIA

SAÚDE

Faculdades Adamantinenses Integradas (FAI)
www.fai.com.br

VERCEZE, Flávia Angelo. Reflexões acerca do uso de recursos artísticos na psicoterapia familiar e suas implicações na formação do psicólogo. *Omnia Saúde*, v.10, n.2, p.13-18, 2013.

ISSN versão Online 2236-188X
ISSN versão Impressa 1806-6763

Recebido em: 06/04/2013

Revisado em: 12/10/2013

Aceito em: 17/12/2013

REFLEXÕES ACERCA DO USO DE RECURSOS ARTÍSTICOS NA PSICOTERAPIA FAMILIAR E SUAS IMPLICAÇÕES NA FORMAÇÃO DO PSICÓLOGO

REFLECTIONS ON THE USE OF FUNDS IN ARTISTIC FAMILY PSYCHOTHERAPY AND ITS IMPLICATIONS IN FORMATION OF PSYCHOLOGIST

Flávia Angelo Verceze

Psicóloga Psicóloga (UEL)UEL

RESUMO

O presente artigo tem como objetivo apresentar reflexões de uma estudante de psicologia a respeito do uso da técnica de arteterapia como um instrumento terapêutico na psicoterapia de famílias e as implicações deste uso na formação do psicólogo. Tais reflexões foram elaboradas através de estudos teóricos e de experiência prática no atendimento a famílias por meio de recursos artísticos realizados na Clínica Escola da Universidade Estadual de Londrina através do projeto de extensão: “Atendimento psicológico a famílias por meio de recursos artístico-expressivos com base no referencial winnicottiano”.

Palavras-chaves: Recursos artísticos; psicoterapia; formação.

ABSTRAC

The present text has preintetion introduce reflections of the psychology student on the use of the arteterapia technique as a therapeutic tool in the psychotherapy families and the implications of this use in training of psychologists. These reflections were developed through theoretical studies and practical experience in psychotherapy families through artistic resource happened at the clinical school in the Universidade Estadual de Londrina through extension project: “Psychological treatment for families through artistic and expressive resources based on reference Winnicott.”

Key-words: artistic resource; psychotherapy; training.

INTRODUÇÃO

A concepção de grupo familiar tem sofrido nas últimas décadas grandes transformações, o que tem gerado curiosidade por parte dos profissionais da área de psicologia. Ocasionalmente uma grande expansão do conhecimento a respeito da psicoterapia familiar e uma grande procura por novos recursos que a facilite.

A psicologia, principalmente de orientação psicanalítica, sempre priorizou a comunicação verbal como forma de intervenção e tratamento. Porém devido ao surgimento de novas modalidades de atendimento, como por exemplo, a psicoterapia do grupo familiar, tem crescido estudos a respeito de outras formas de comunicação dentro do setting analítico. Dentre estes estudos, uma área que tem se destacado é a arteterapia, que entende o uso de recursos artísticos-expressivos como instrumento facilitador da comunicação entre terapeuta e pacientes.

A terapia familiar e o reconhecimento da importância da família para o desenvolvimento emocional saudável, assim como para a emergência de psicopatologias em seus integrantes se ampliou muito nos últimos anos. Apesar disso, ainda são poucos os estudos sobre esta modalidade de terapia, de maneira que se apresenta como um campo a amadurecer.

A sociedade e até mesmo alguns profissionais da área de psicologia questionam a validade desta modalidade de atendimento. Muitos destes questionamentos devem a falta de informação e de interesse, já que a terapia familiar apresenta uma maior exigência ao terapeuta, que faz com que muitos não se inclinam para tal atividade. Entretanto, esta maior exigência também tem gerado interesse por novas formas de se trabalhar dentro do processo terapêutico.

A família é um grupo composto por indivíduos ligados por meio de laços de parentesco ou aliança que geralmente se forma a partir do vínculo do casal. Tal grupo é permeado por identificações e se mostra como um espaço de circulação de transmissões psíquicas, sejam estas transgeracionais, transmissão à próxima geração de elementos negados e sem elaboração que não podem vir à consciência ou intergeracionais, transmissão à geração seguinte de elementos conscientes. Geralmente este grupo não se percebe como enfermo, buscando o atendimento familiar apenas quando a situação já se tornou caótica e a crise não consegue mais ser resolvida de outras formas.

Devido a esta complexidade, a terapia familiar tem um lugar de maior exigência ao psicoterapeuta, que deve saber lidar com um sentimento contratransferencial muito intenso, já que o seu paciente é o grupo familiar. Outro desafio ao psicoterapeuta familiar é a questão da comunicação, pois ele deve corresponder à demanda de atenção de várias pessoas ao mesmo tempo e que muitas vezes se comunicam de maneiras diferentes, como é o caso dos adultos e das crianças. É neste ponto que o presente artigo pretende refletir, apontando os recursos artísticos como outra forma de comunicação dentro do atendimento familiar e como o uso de tais recursos por um estudante de psicologia que esta aprendendo a ser terapeuta pode auxiliá-lo em sua formação como profissional.

A arteterapia

Segundo Margaret Naumburg (1991) “A arteterapia de orientação analítica lida com a liberação do inconsciente por meio de imagens espontaneamente projetadas na expressão plástica e gráfica” (p. 388-392). Assim ela pode ser usada como uma forma de psicoterapia primária ou auxiliar. Ela funciona como uma comunicação simbólica imediata que sobrepuja as dificuldades inerentes à comunicação verbal, pois tais formas inconscientes podem escapar com mais facilidade do recalque do que as expressões verbais, mais familiares ao paciente. Além disso, a arteterapia possui um valor diagnóstico e terapêutico. Porém não se pode confundir este valor diagnóstico da arteterapia com o dos testes projetivos, já que as expressões gráficas da arteterapia não são interpretadas pelo terapeuta, ao invés disso o terapeuta encoraja o paciente a descobrir por si mesmo o significado de suas produções. Outra vantagem é que o paciente se defronta com um registro feito por ele mesmo,

o que dificulta a distorção de tal conteúdo. Portanto, entende-se que a arte é um recurso que auxilia no processo psicoterápico, pois atua como intermediadora dos mundos interno e externo.

Quanto ao tipo de recursos, tem-se um vasto leque já existente. Como o desenho, a pintura, a modelagem, a colagem, entre outros. Para além destes, outros podem ser inseridos dependendo da criatividade do terapeuta. Sendo que o emprego de tais recursos pode acontecer de distintas maneiras. Segundo Sei (2011) uma possibilidade é a associação entre o fazer a produção e explorá-la verbalmente. Pois assim tem-se um enriquecimento da compreensão geral da família. Ainda segundo Sei (2011), tal maneira de trabalhar é relevante, pois integra a comunicação verbal, mais presente nos adultos e a comunicação não-verbal, mais presente nas crianças. Proporcionando um lugar para todos os membros da família dentro do processo terapêutico.

Sei (2009) apresenta uma metodologia composta por quatro passos iniciais para a entrada da família no setting arteterapêutico. Segundo tal metodologia o primeiro encontro é destinado à escuta de cada indivíduo e da demanda familiar. O segundo é onde acontece a apresentação da caixa artística, isto é, caixa composta por materiais artísticos que serão utilizados no atendimento. No terceiro encontro é proposta uma atividade individualmente, a representação de uma família, que proporcionara ao terapeuta o entendimento sobre qual é a família internalizada pelos indivíduos. E no quarto encontro é proposta uma produção em conjunto com temática livre, que proporciona a percepção de como os familiares interagem entre si e as formas de comunicação empregadas entre eles.

Tal proposta metodológica não deve ser entendida como uma regra a ser seguida no processo terapêutico familiar, ela serve como uma base para os terapeutas familiares que pretendem utilizar a arteterapia como uma aliada neste processo. Tais conceitos e reflexões a respeito do uso da arteterapia no processo terapêutico familiar foram extraídos de estudos bibliográficos de autores como Margaret Naumburg, Maíra Bonafé Sei, Magdalena Ramos, entre outros. Porém estes também puderam ser visualizados através da experiência de alguns atendimentos familiares com uso de recursos artísticos expressivos, que serão expostos no presente artigo.

Experiência de atendimento familiar com recursos artísticos expressivos

Tais atendimentos foram realizados na Clínica escola da Universidade Estadual de Londrina por estudantes de psicologia vinculados ao projeto de extensão “Atendimento psicológico a famílias por meio de recursos artístico-expressivos com base no referencial winnicottiano.” Desta maneira não podem ser considerados atendimentos com uso de arteterapia, pois não foram realizados por arteterapeutas formados, mas servem para nossos objetivos, que é mostrar o quanto os recursos artísticos podem auxiliar no processo terapêutico. Serão apresentados dois casos diferentes, que deixam bem claro alguns conceitos elencados anteriormente.

O primeiro caso é de uma família em que a mãe buscou o atendimento devido à dificuldade de relacionamento entre ela e sua filha. O pai não compareceu as sessões, pois não foi avisado pela esposa, isto é, não tinha o conhecimento do atendimento.

Diante de tal relato podemos perceber como o recurso artístico, aqui no caso o desenho, serviu como outra forma de comunicação entre pacientes e terapeuta. Pois foi através do desenho e da fala das pacientes sobre ele que a terapeuta conseguiu visualizar onde se localizava a queixa da família. O que também explicou o fato da mãe não avisar o marido sobre o atendimento.



FIGURA 1. Desenho da família realizado pela filha e pela sua mãe respectivamente.

Como foi dito a queixa inicial era o relacionamento entre mãe e filha, que segundo o relato da mãe era muito difícil e diferente do relacionamento da filha com o pai. Na primeira sessão a terapeuta faz uma proposta de desenho, em que pede para que desenhem uma família em uma cartolina, sem dar mais nenhuma orientação. As duas dividem a cartolina com um risco no meio e desenharam separadamente. Ao terminarem a terapeuta as pergunta sobre o desenho e a mãe fala não ter gostado do seu, pois havia se desenhado muito longe do marido. A filha a interrompe e diz que não tinha problema, pois também havia desenhado a mãe longe do pai, pois ela estava no meio.

Nesta sessão foi percebido o quanto a queixa inicial era apenas parcial, já que no desenho e na fala de ambas ficava claro uma queixa relacionada ao relacionamento conjugal e o lugar da filha diante do casal.

Diante de tal relato podemos perceber como o recurso artístico, aqui no caso o desenho, serviu como outra forma de comunicação entre pacientes e terapeuta. Pois foi através do desenho e da fala das pacientes sobre ele que a terapeuta conseguiu visualizar onde se localizava a queixa da família. O que também explicou o fato da mãe não avisar o marido sobre o atendimento. Assim, através desse exemplo podemos perceber que o método abordado anteriormente, característico do trabalho de Sei, onde associa a produção do produto (o desenho), e sua exploração verbal foram importantes para a realização de um primeiro diagnóstico da família.

O segundo caso é de uma família composta por mãe, pai e duas filhas de 12 anos, sendo que uma delas é adotiva. A queixa inicial era o relacionamento entre as duas irmãs, que segundo os pais era muito ruim. Com o andar dos atendimentos foi percebida uma negação por parte da família do passado da filha adotiva, como se seus 12 anos não tivessem existido. Isto ficava evidente na dificuldade da filha adotiva se colocar na sessão, o que levou a terapeuta a hipótese da construção de um falso-self. Tal dinâmica ficou mais evidente quando a terapeuta propôs que os membros da

família construíssem uma linha do tempo de suas vidas individualmente. A filha adotiva não colocou seu passado, iniciou sua linha do tempo a partir do momento em que foi adotada, aos 10 anos.

Mais uma vez o uso de recursos artísticos-expressivos auxiliou o processo terapêutico, pois funcionou como um canal a mais de comunicação na sessão. Além de mostrar a dinâmica familiar à própria família quando se deparou com o desenho da filha. Tais exemplos deixam evidentes os conceitos refletidos anteriormente neste artigo. Concluindo que a arteterapia pode ser um excelente instrumento no processo terapêutico, seja este familiar ou não. Porém tal artigo tem ainda mais uma pretensão, a de refletir sobre como o contato com tais recursos no momento de formação do terapeuta podem auxiliá-lo.

O uso de recursos artístico-expressivos na formação do psicólogo

A ideia fundamental desta reflexão é discutir o papel do uso de recursos artísticos expressivos pelo estudante de psicologia que esta aprendendo a ser terapeuta e como isto influenciará na sua formação. Há muito já se sabe o quanto a experiência profissional no período de aprendizado é importante para a futura atuação. Nas experiências relatada no presente artigo, esta relevância da prática se tornou evidente, pois além de ajudar o estudante na formação de sua técnica e estilo como terapeuta, ela auxiliou este a visualizar a teoria de maneira concreta.

Esta visualização dos conceitos analíticos aprendidos durante a formação, como por exemplo, resistência, transferência, contra-transferência, ato falho, chiste, entre muitos outros da teoria psicanalítica se tornou muito evidente, pois estavam registradas nos materiais gráficos produzidos nas sessões. Permitindo que o estudante entrasse em contato com a vivência do que antes apenas tinha estudado.

Portanto pode-se concluir através destas várias reflexões que o uso de recursos artísticos expressivos na psicoterapia familiar e na experiência de atendimento de um estudante de psicologia só se mostrou como benéfico. Apresentando-se como um instrumento de real importância que promove através da projeção pictórica, uma comunicação no campo simbólico, entre terapeuta e paciente, permitindo a expressão de fantasias, medos, anseios e conflitos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS BIBLIOGRÁFICAS

NAUMBURG, M.. (1991). Arteterapia: seu escopo e função. In: HAMMER, E. F. *Aplicações clínicas dos desenhos projetivos* (pp.388-392). São Paulo: Casa do Psicólogo, 1991.

RAMOS, M.. (org). *Terapia de casal e família: o lugar do terapeuta.* São Paulo: Editora Brasiliense, 1992.

RAMOS, M. *Introdução à terapia familiar.* São Paulo: Claridade, 2006.

SEI, M.. B. *Arteterapia e Psicanálise.* São Paulo: Zagodoni, 2011.